



Os bolsos gordos da ciência da obesidade

*Estão cada vez mais claros os conflitos de interesses criados pelo financiamento de pesquisas científicas por empresas privadas. Investigações têm demonstrado que, a exemplo da indústria do cigarro, as corporações de alimentos ultraprocessados manipulam resultados para ocultar problemas e ampliar mercados.**

A indústria tem ocupado assentos que caberiam a universidades e institutos de pesquisa em colegiados da Anvisa. O setor econômico chega a ter maioria em alguns espaços, em especial nos grupos de trabalho que fornecem subsídios à formulação de políticas públicas. Vale ficar atento às movimentações de algumas organizações:

Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição (Sban)

Invariavelmente se posiciona a favor da indústria em debates sobre questões delicadas. Tem sido assim na discussão pela Anvisa sobre o novo padrão de rotulagem frontal de ultraprocessados.

International Life Sciences Institute (ILSI)

Criado em 1978 pela Coca-Cola, reúne cerca de 40 empresas. Domina desde sempre o grupo de trabalho sobre alimentos funcionais da Anvisa, e tem boa presença em outros colegiados, muitas vezes oculto sob a representação de universidades públicas. A atuação em prol da indústria tem sofrido crescentes contestações mundo afora. A agência de saúde europeia limitou a atuação do ILSI.

Associação Brasileira de Nutrologia (Abran)

Concede selos a empresas que paguem por eles e organiza um evento de grande porte no qual são apresentadas teses científicas favoráveis ao setor privado. Registrou na Anvisa, fora do prazo, um modelo de rotulagem frontal, e opôs-se ao sistema de advertências defendido pela sociedade civil.

Instituto Tecnológico de Alimentos (Ital)

A instituição pública paulista foi criada para auxiliar a indústria de ultraprocessados em inovações. Faz uma forte defesa das empresas, dentro e fora da Anvisa, e ataca o Guia Alimentar para a População Brasileira.

Revisamos mais de uma centena de atas de reuniões de grupos de trabalho na Anvisa. Entrevistamos dezenas de pessoas. Lemos o material científico apresentado por pesquisadores e diretamente pela indústria para embasar a tomada de

decisão. E não encontramos nenhuma divergência relevante entre as posições das empresas de alimentos e dessas organizações. Pelo contrário, a convergência é constante.

Por que é importante ficar atento?

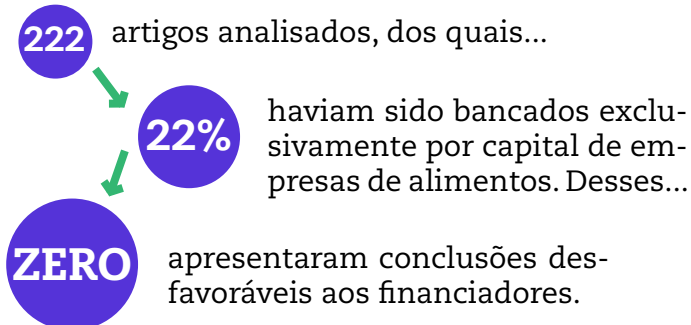
Listamos alguns motivos centrais para o financiamento da pesquisa científica:

 Evitar, postergar ou influenciar a formulação de políticas públicas	 Influenciar a ação dos profissionais de saúde
 Pautar hábitos de consumo	 Atestar boas práticas ou encobrir as más práticas

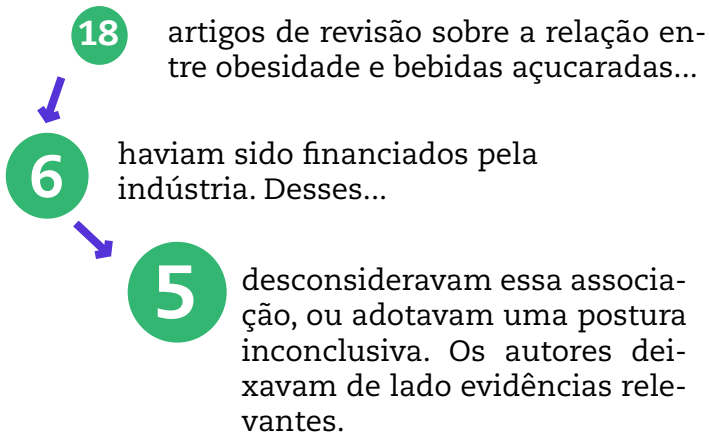
Quando a Anvisa iniciou a discussão sobre um novo padrão de rotulagem frontal, entrou em cena a Choices Foundation, criada pela Unilever e adotada por outras empresas. No Brasil, chamava-se Instituto Minha Escolha e contava no Comitê Científico com quatro nomes da USP: Franco Lajolo, Silvia Cozzolino, Sonia Tucunduva Philippi e Eliane Bistriche Giuntini.

O instituto defendia a autorregulação, uma forma de evitar a adoção de medidas que sejam definidas e fiscalizadas pelo Estado e pela sociedade. E capitaneava a ideia de que o melhor seria adotar um selo positivo, que constasse em alimentos com baixos teores de sal, gordura e açúcar, numa tentativa de barrar a adoção de um modelo de rotulagem que alerte a população sobre alimentos não saudáveis.

Em 2007, uma análise de Lesser et al** com artigos sobre nutrição publicados entre 1999 e 2003 teve os seguintes resultados:



Já em 2013, outra análise (Rastrollo et al)** mostrou que dentre...



Por fim, Kearns et al (2016)** mostraram que a indústria do açúcar criou na década de 1950 uma fundação que desenvolveu pesquisas para responsabilizar a gordura pelas doenças cardíacas.

Além de prestar atenção àquilo que as empresas financiam, temos de olhar para aquilo que deixa de ser financiado. A prioridade ao estudo da atividade física, por exemplo, ajuda a indústria de refrigerantes a desviar o foco sobre o papel de seus produtos na epidemia de obesidade.



Para refletir

“Investimento em professores de universidades é muito ‘produtivo’ para a indústria. O professor tem contato com centenas de jovens, pode alcançar muita gente. Isso faz parte da estratégia de cooptação.”

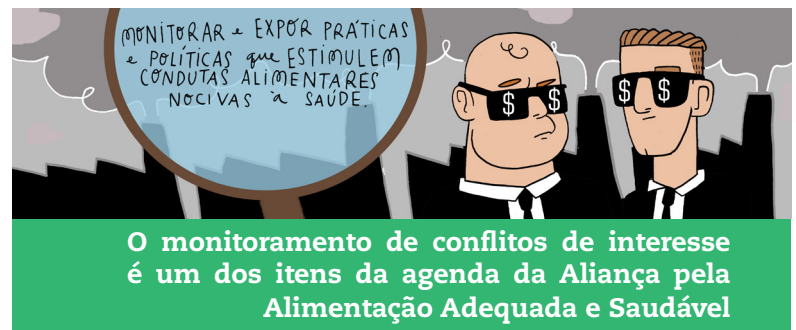
- Carlos Monteiro, professor da Faculdade de Saúde Pública da USP e coordenador do grupo que formulou o Guia Alimentar

“Pesquisadores que seguem entrincheirados defendendo os alimentos ultraprocessados estão se vendo do lado errado da história.”

- Susan Prescott, pesquisadora australiana e do inFLAME Global Network, deixou consultoria da Nestlé após cientistas com financiamento pela empresa dirigirem ataques ao trabalho de Carlos Monteiro

“Eu sou uma profissional de saúde, então, quando sou chamada a um espaço assim, sei exatamente qual é meu papel. Quando se trata de um acadêmico mais próximo à indústria, é mais difícil. Porque não está tentando discutir a questão da ciência: está para intermediar a indústria com a questão acadêmica, tentar criar argumentação acadêmica para justificar algumas coisas que a indústria quer fazer.”

- Renata Monteiro, pesquisadora do Observatório de Políticas de Saúde Alimentar e Nutrição da Universidade de Brasília



*Confira as reportagens originais que deram origem a esse fact sheet em:

bit.ly/joio_cienciaaobesidade

bit.ly/joio_industriaeavisa

**Confira as referências bibliográficas completas em:

bit.ly/joio_bibliografia

Sobre nós



O Joio e o Trigo não é um site sobre como comer (bem ou mal), nem sobre dietas da moda. É um projeto de jornalismo investigativo sobre comer como ato político.

Conheça nossas redes!

ojoioetrigo.com.br

/najoeira